

**TK032 - HISTÓRIAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA: UM ESTUDO NOS MEMORIAIS DE  
FORMAÇÃO DO INSTITUTO KENNEDY****Rosalba Lopes de Oliveira**

Instituto Kennedy (IFESP)

[lrosalba@ufrnet.br](mailto:lrosalba@ufrnet.br)**RESUMO**

O objetivo deste texto é refletir sobre a formação de professores de matemática a partir da escrita de suas Histórias de Vida descritas nos Memoriais de Formação. O Memorial de Formação representa o trabalho de conclusão de cursos dos alunos pertencentes à comunidade acadêmica do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP), em Natal/RN. As Histórias de Vida fornecem subsídios para uma reflexão sobre o processo de conhecimento de quem somos, pensamos, fazemos, valorizamos e o que nos orienta no desenrolar das ações pessoais e profissionais. Neste trabalho utilizamos História de Vida como perspectiva metodológica de pesquisa na área da formação docente. O significado desse trabalho é compreender quais as influências do percurso estudantil na vida profissional de oito (08) professoras, que concluíram o Curso de Licenciatura Plena em Ciências – Habilitação em Matemática, além de enfatizar como se deu a formação do ‘ser professora de matemática’. Buscamos nos Memoriais de Formação, os recortes em que as professoras descrevem como eram as aulas de matemática, a relação estabelecida por estas professoras com os alunos, suas formas de avaliar e as metodologias utilizadas na abordagem dos conteúdos em sala de aula. Em seguida, destacamos dos Memoriais, como iniciaram suas experiências docentes, tomando como fio condutor as lembranças do período estudantil, bem como relatos de vida pessoal e profissional dessas professoras. Podemos inferir que a escrita do Memorial de Formação possibilita o reconhecimento de como aconteceu a formação, conhecimentos adquiridos e lacunas deixadas ao longo de todo o percurso estudantil e profissional, bem como as aprendizagens adquiridas e mudanças na prática docente que foram incorporadas durante o processo de formação. Ressaltamos também, que o tempo da escola perpassa por todos os outros tempos em que se cruzam aspectos culturais, sociais e afetivos que contribuiram para a construção de identidade pessoal e profissional de cada uma das professoras.

Palavras-chave: História de vida. Professor de Matemática. Memorial de Formação.

**ABSTRACT**

The objective of this paper is to reflect upon the formation of Math teachers through their life stories' writings described on their Written Records of Professional Development, which represent the course completion assignment for undergraduates who belong to the academic community from the Institute of Higher Education President Kennedy (IFESP) in Natal/RN. The life stories provide subsidies for a reflection upon the knowledge process of who we are, what we think, what we do and value and what guide us through the development of their personal and professional actions. In this manner, telling their story and relearning knowledge, recovering images and reminding of projects that had been forgotten in our memories. In this paper we use Life Stories as a methodological perspective in the field of teacher formation. The meaning of this work is to understand which influences from their lives as students can be seen in the professional lives of eight (08) female teachers who concluded the "licensure" course in Science - major in Math -, besides emphasizing how the conception of "being a Math teacher" has been formed. We sought in the Written Records of Professional Development the excerpts in which the teachers portrayed how their Math classes were, the relationship established between those teachers and their students, their ways of assessment and the methodologies used to approach the classroom contents. Then, we highlighted from the Written Records how their teaching experiences as Math teachers have started and which reflections are made in the teaching activity, taking their memories as students as a guiding principle. Some personal and professional experiences of those teachers get crossed in the narratives contained in the Written Records. We can infer that the writing in the Records enables the acknowledgement of how the formation has happened, the knowledge has been acquired and gaps been left along the whole student and professional way, as well as the acquired learning and changes in teaching practice that have been incorporated during the formation process. We also stand out that the school time pervades all other times where traits of cultural, social and affective aspects, which contributed to the construction of each teacher's personal and professional identities, meet.

**Key-words:** Life stories. Math teacher. Written Records of Professional Development.

**INTRODUÇÃO**

O presente artigo pretende somar-se a tantos outros estudos sobre História de Vida, trazendo contribuições produzidas a partir de um documento bem peculiar: Memorial de Formação. O Memorial de Formação consiste num trabalho de caráter acadêmico defendido pelos alunos do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP), como requisito parcial para obtenção do diploma de Graduação. Trata-se de um texto reflexivo em que o autor descreve sua trajetória estudantil e profissional, ressaltando suas vivências, experiências e práticas nas diferentes etapas das suas vidas.

Buscamos neste texto refletir sobre a formação do ser professora de matemática a partir do percurso vivido e experienciado por 08 (oito) alunas que concluíram o Curso de Licenciatura em Ciências com Habilitação em Matemática, oferecido pelo IFESP. Essas alunas são professoras da rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte, com uma vasta experiência em sala de aula, principalmente, nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O trabalho de conclusão deste curso é a escrita do Memorial de Formação - MF. Para tanto, a instituição indica um professor formador para orientar a escrita desse trabalho. No percurso de sua construção, percebemos o quanto a História de Vida pessoal está interligada nas Histórias de Vida profissional. O MF possibilita articulação entre o hoje e o passado, de modo a compreendermos que o individual e o profissional estão em conexão e que as experiências vivenciadas na trajetória de vida estudantil se traduzem nos modos de ser professor.

As Histórias de Vida dessas professoras forneceram elementos que demonstram a construção do ser e do profissional que são, com destaque a todo o processo de produção de conhecimento, suas angústias, dificuldades e sucessos alcançados. Por meio dos escritos dessas professoras, compreendemos que somos a história que participamos e contar nossa história e reaprender saberes, recuperar imagens e lembrar projetos que estavam esquecidos em nossas memórias.

Buscamos nos Memoriais de Formação, os recortes em que as professoras descrevem como eram as aulas dos professores de matemática, a relação estabelecida por estes professores com os alunos, suas formas de avaliar e as metodologias utilizadas na abordagem dos conteúdos em sala de aula. Em seguida, destacamos como iniciaram suas experiências docentes, como professoras de matemática, quais as reflexões realizadas na atividade docente, tomando como fio condutor as lembranças do período estudantil.

Para interpretação dos dados contidos nos Memoriais de Formação dessas professoras, tomamos como referencial teórico as ideias postas por Josso (2004), Nóvoa (2000), Arroyo (2002), Carrilho (2007), entre outros que se referem à História de Vida como perspectiva metodológica de pesquisa na área da formação docente.

Procuramos ordenar o texto em três tópicos. Primeiro, ressaltamos os recortes da História de Vida estudantil das professoras quando descrevem como era sua relação com a escola e com a Matemática. Em seguida, destacamos as reflexões realizadas na sua prática docente delas, enquanto professoras de Matemática, estabelecendo conexões a partir da formação em nível superior. Por fim, tecemos algumas considerações acerca do processo de formação de professores de matemática, apresentando alguns indicativos que possam contribuir para um olhar diferenciado na formação dessas profissionais.

## **RECORTES DE HISTÓRIAS DE VIDA ESTUDANTIL DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA**

Segundo Josso (2004, p. 31) “as histórias de vida, no verdadeiro sentido do termo, abarcam a globalidade da vida em todos os seus aspectos, em todas as suas dimensões passadas, presentes e futuras e na sua dinâmica própria”. É com esse pensamento que teceremos os fios das Histórias de Vida das professoras e alunas do Curso de Licenciatura em

Ciências com Habilitação em Matemática. As referidas professoras e alunas serão identificadas pelas siglas P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7 e P8, para resguardar os nomes originais.

Nesse recorte do trabalho buscamos apresentar, inicialmente, o significado da escola para essas professoras e seus familiares, e em seguida, enfocar como era a participação delas no processo de ensino e aprendizagem, enquanto alunas de escolas públicas. O contexto escolar tem muito a contribuir com a formação de futuros profissionais, pois se reveste da função de formar o ser, enquanto cidadão. Contar os momentos vividos neste espaço é revelar as redes de significados e experiências que se teceram e que foram tecidas, na medida em que os indivíduos foram se tornando pessoas e profissionais. É essa história que procuramos descrever por meio das falas das professoras colaboradoras desse trabalho.

Nas falas retratadas nos MF, a escola representa um espaço de ascensão pessoal e profissional:

Minha mãe acreditava que o caminho do pobre conseguir algo melhor para a vida, era através da escola. [...] acreditava que a educação era o único legado que poderia nos deixar sendo sempre incentivadora dando muita força a mim e aos meus irmãos para que lutássemos em busca daquilo que pretendíamos, mostrando constantemente a importância e o valor que a escola nos oferece. (P1, 2008, p.9)

Minha mãe estava sempre preocupada com meus estudos, da maneira dela. Era muito rígida para com minha pessoa e no que diz respeito à escola, principalmente. Sempre me acompanhava até a escola, até porque ela trabalhava com Auxiliar de Serviços Gerais (ASG) na escola onde iniciei meus estudos. Hoje agradeço a ela e ao meu pai adotivo, [...] tudo que hoje sou. (P2, 2008, p.8)

Desde criança ouvi muitas vezes que o mais importante era estudar, conhecer, para ser independente e livre, e a escola estava lá, pronta para transmitir conhecimentos com os professores seguros e convictos de sua missão. (P7, 2008, p. 11)

Resgatar os momentos vividos no início da nossa vida escolar é estabelecer um diálogo com o nosso passado, o que nos permitirá o conhecimento, a reflexão e as decisões tomadas nos dias atuais sob a influência do que foi vivido. (P3, 2008, p.9)

Apesar de a escola exercer esse papel na construção do ser, às vezes consegue dificultar a formação do aluno enquanto sujeitos que pensam, que gostam de brincar, de conversar, de criar, de construir amizades e tantos outros elementos relacionados à sua formação. Mota e Pacheco (2005, p. 9) esclarecem que “Histórias de amizades entre os estudantes nos ajudam a compreender as redes de relações tecidas cotidianamente no espaço/tempo escolar e fora dele e que se encontram manifestadas nas histórias que narram sentimentos de solidariedade e companheirismo”. O ambiente escolar propicia esse reencontro com pessoas de mesma idade, como os mesmos problemas e na mesma situação social, o que possibilita maior interação e aprendizagens diferenciadas.

Arroyo (2002, p. 54) esclarece que “a escola é um processo programado de ensino-aprendizagem, mas não apenas porque cada mestre esperado na sala de aula chegará para passar matéria, mas porque é um tempo-espaço programado de encontro de gerações”. Por isso que o papel relevante, atribuído à escola, é que seja um espaço onde esses diálogos entre gerações sejam programados de maneira pedagógica, intencional e cuidadosa.

Vejamos a seguir, as lembranças que as professoras tinham como relação ao processo de ensino e aprendizagem no início da escolarização.

A participação do aluno no processo de ensino era considerada passiva e a sua aprendizagem consistia na memorização e na reprodução (imitação/repetição) precisa dos raciocínios e procedimentos ditados pela professora ou pelos livros. [...] Muitas vezes esta forma de ensino rotulava e bloqueava o aluno, contribuindo com a evasão escolar, e até mesmo formar pessoas com dificuldades de expressarem suas ideias. (P2, 2008, p.9)

Iniciei meus estudos numa pré-escola [...]. As lembranças que tenho desse período era que o ensino da pré-escola limitava-se apenas em cobrir pontilhados (contornar), pintar, brincar e contar, não levava a criança à construção do saber e sim a copiar, tudo aquilo já vinha pronto, longe da nossa realidade. A professora não me dava oportunidade de falar e expressar a fantasia do meu mundo infantil. Nas suas aulas permanecíamos, bem quietinhos, sentados, copiando tudo que ela nos oferecia, caso contrário ficaríamos de castigo sem participar das brincadeiras do recreio. (P5, 2008, 7)

Naquela época vigorava o terrível método da palmatória, era aterrorizante, lembro-me da minha primeira professora particular, chamava-se D. Ana, ela era alta e de semblante muito sério, aprendi a ler o mais rápido possível, com medo que ela me batesse. Cada vez que chegava um momento que ele verificava se estávamos aprendendo, era o momento de

soletração das palavras e verificar se tínhamos aprendido a tabuada, era à hora mais temerosa da aula, por qualquer deslize o castigo era certo; minhas pequenas mãos e aquela enorme palmatória. (P1, 2008, p.10)

Essas falas demonstram que as marcas da escolarização permanecem vivas na memória das pessoas e refletem na sua formação. A escola era e ainda é repressora, buscando sempre exercer a autoridade que lhe é atribuída, sem se preocupar com o que poderá acarretar seus atos. Mas, percebemos que, no momento atual, estão ocorrendo mudanças no papel da escola para atender as exigências de uma sociedade em transformação, tornando-se um espaço que valoriza a formação e a qualificação permanente do indivíduo. Quanto aos momentos de aula de Matemática dessas professoras, as lembranças não são tão boas. Vejamos como elas se reportam ao fazer pedagógico do professor de Matemática.

O ensino da Matemática era colocado de forma tradicional, isto é, o conteúdo era apresentado através de definições, demonstrações de propriedades, exemplos que os alunos deveriam seguir nos exercícios de fixação, prática esta em que o aluno aprendia apenas a reproduzir o que o professor lhe transmitia, e às vezes não conseguia aprender. (P5, 2008, p. 10)

A matemática veiculada nos livros didáticos era desenvolvida em sala de aula através de exposição oral de leitura de texto respondendo as perguntas, relativa aos mesmos, sem levar o aluno a questionar as situações apresentadas nas provas e nas aulas. Nós alunos tínhamos que reproduzir tudo que o professor repassava, pois éramos avaliados pelos acertos obtidos e não era considerado o processo de desenvolvimento. (P2, 2008, p.10)

É importante esclarecer que a minha experiência com a Matemática, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, nunca levou em consideração quem pretendia aprender: o aluno. (...) Os alunos sempre foram tidos como iguais no momento em que a escola “transmitia conhecimentos”, mas essa mesma escola não se detinha para apontar as diferenças entre os mesmos, quando eram avaliados. (P4, 2008, p.9)

Na disciplina matemática a deficiência no ensino era a mais crítica. Tanto pela falta de professor, quanto pela falta de qualificação dos existentes. Seguíamos apenas o livro didático, que na maioria das vezes o professor copiava respostas do seu livro, sem nenhuma explicação que nos levassem a compreensão, o que acarretou um acúmulo de dúvidas e dificuldades que ainda hoje carrego comigo. (P6, 2008, p. 10)

Em Matemática, as professoras não tinham a preocupação em trabalhar com material concreto, utilizavam apenas o livro didático e o quadro de giz. Era grande o pavor dos alunos pela tabuada, que deveria ser memorizado, para que, no dia estabelecido pela professora soubéssemos responder

corretamente e saltado, isto é, sem seguir a sequência, caso contrário ficaríamos sem recreio, que era o momento mais esperado por nós. (P7, 2008, p. 9)

Todos esses relatos têm como respaldo teórico a visão de ensino centrado no discurso do professor, que é o detentor do saber e no aluno como um ser passivo capaz de reproduzir o que lhe foi repassado. Esse modelo do fazer pedagógico ainda encontra-se bastante presente nas escolas, apesar da vasta literatura sobre novas alternativas de caminhar na educação. Para Carrilho (2007, p.90) “As histórias dos professores deixam um legado importante para as gerações futuras, pois retratam o exercício do magistério num período de reformas educacionais e, sobretudo, contam a história da educação brasileira”.

Hoje sabemos que o processo de ensino e aprendizagem não deve estar centrado na figura do professor, e sim, nas ideias de um profissional mediador da aprendizagem; do aluno como um ser ativo na construção do seu conhecimento; no uso de metodologias diversificadas; na importância de conhecer o que o aluno já sabe e, aproveitar esse conhecimento como ponto de partida para sua ampliação e, nas mudanças na forma de avaliar focada não só no produto final, mas no processo elaborado pelo aluno para se chegar a esse produto.

Uma das professoras (P3), destaca com bastante veemência o papel dos professores de matemática no seu percurso pessoal e profissional.

Eram professores que não transmitiam a disciplina como se fosse algo de outro planeta, muito pelo contrário, eles nos davam muita segurança de que éramos capazes de aprender, bastava ter atenção e dedicação não só com a Matemática, mas também com as outras disciplinas, pois todas eram importantes para o nosso aprendizado. (...) muito me marcaram, pois eram ótimos no domínio e na transmissão dos conteúdos. Conseguiram passar a mensagem com muita facilidade. Devo ressaltar que eram apaixonados pela disciplina, diziam até que se esta fosse uma mulher, com certeza eles iam conquistá-la, esse amor que tinham pela Matemática chamava a minha atenção, então ficava mais motivada a aprender. (P3, 2008, p. 9).

Este relato nos faz refletir o quanto é importante a figura do professor como agente de formação. Fiorentini e Miorim (2003, p. 23) esclarecem que “os depoimentos dos professores, registrados em seus memoriais, mostram que suas histórias de sucesso ou fracasso em relação à matemática escolar foram decisivas, para a maioria deles, na escolha da carreira profissional”. Se pensarmos num professor que desenvolve seu trabalho com prazer, com segurança e com dedicação, os seus atos vão refletir na vida futura dos seus alunos, pois acreditamos que o modelo do ato pedagógico é guardado na memória de todos que passam

pela escola. Como expõe Arroyo (2002, p. 55) “as matrizes de toda docência humana, estão na base da nossa docência escolar”. Estes professores, realmente, influenciaram a carreira profissional dessa professora, que hoje é uma excelente educadora de matemática, exercendo com satisfação e segurança sua profissão.

As mudanças ocorridas nas práticas das professoras e o que as levaram a ser professora são recortes abordados no tópico a seguir.

### **REFLEXÕES DA PRÁTICA DOCENTE ENQUANTO PROFESSORAS DE MATEMÁTICA**

As reflexões desse tópico giram em torno das narrativas das professoras sobre como se tornaram professoras e como são desenvolvidas as práticas docentes, enquanto professoras de matemática. Na perspectiva de Josso (2004, p. 184) “A narrativa escrita constitui um suporte particularmente adequado para a pesquisa dos processos de formação e de conhecimento, porque dá acesso tanto às partes que a compõem como a um conjunto a que foi atribuído um título”. Antes de destacar as falas das professoras com relação à prática docente, buscamos enfatizar o que as levou a ser professoras.

A minha vontade de ser professora foi despertada no momento em que senti a necessidade de ensinar as pessoas a ler e a escrever, para que não sofressem como sofri ao ser alfabetizada. (P1, 2008, p. 13)

Minha trajetória como professora é formada por um conjunto de experiências adquiridas ao longo do tempo que traz algumas recordações com bastante detalhe. Comecei a lecionar antes de ter habilitação em magistério. Fiquei feliz e ao mesmo tempo preocupada, pois me sentia insegura, não me considerava preparada para exercer a função de professora faltava conhecimento teórico, técnico e didático. (P2, 2008, p. 13)

Em toda essa caminhada escolar, com certeza os professores foram às pessoas que mais me influenciaram na escolha da profissão. Com alguns aprendi como deveria agir em determinadas situações de sala de aula, me utilizando de algumas habilidades como: a paciência, o cuidado na forma de falar, de avaliar e sobre tudo a atenção dispensada aos alunos no momento certo. Com outros professores aprendi como não deveria agir, sendo às vezes dono do saber, considerando apenas a sua forma de ensinar, não ouvindo as contribuições que os alunos têm a dar. (P3, 2008, p. 10)



As palavras de Carrilho (2007, p.85) reforçam que “[...] as pessoas lembram, no presente, daquilo que tem significado para elas, de modo que as conexões e tessituras entre os arquivos de fatos, sentimentos e representações constituem fontes para visualizarem a percepção de si mesmas”. Este pensamento vem reforçar a ideia de que o fazer pedagógico se faz, inicialmente, com base nos modelos adquiridos e experiências vivenciadas durante o percurso de formação. Esses modelos vão se transformando, à medida que vamos nos aperfeiçoando, adquirindo novos saberes e vivenciando outras práticas que nos façam refletir sobre o ato de ensinar.

Durante o Curso de Licenciatura em Ciências com Habilitação em Matemática, as professoras começaram a refletir e a escrever sobre as mudanças ocorridas na prática docente, enquanto professoras de Matemática. Estas reflexões serão destacadas a seguir, como forma de apresentar as contribuições do referido curso, para as transformações advindas dos conhecimentos adquiridos, das trocas de experiências entre colegas e do modo de pensar o ensino e a aprendizagem da Matemática.

Atualmente, planejo minhas aulas todos os dias, estudo bastante, pois um professor de Matemática deve dominar o que ele ensina e planejar bem as aulas, para que não seja envergonhado. Ele deve dominar o saber matemático; o saber didático; o saber didático pedagógico, relativo ao conteúdo de ensino. Esse processo novo tem sido de suma importância para que eu desse um salto em meu desenvolvimento profissional, sinto que a escola atravessa uma crise e que tem um grande desafio pela frente. (P1, 2008, p. 16)

Atualmente, ao desenvolver minhas aulas de matemática, procuro partir das necessidades apresentadas pelos alunos referentes aos seus conhecimentos prévios, estimulando seu raciocínio a partir de situações que os façam buscarem e interpretar informações que os levem as suas próprias conclusões, para que os mesmos obtenham uma aprendizagem significativa para a sua vida. (...) Um dos pontos que poderá favorecer a aprendizagem significativa em matemática é o estabelecimento de conexões na abordagem das ideias matemáticas, relacionando-as à realidade, de forma a explicitar sua presença e utilidade nos vários campos da ação humana. (P6, 2008, p 10)

Tinha uma visão tradicional do ensino em que o aluno recebia o conhecimento já pronto e organizado. Isto se dava por não possuir o conhecimento que tenho hoje, atualmente planejo fazendo uso de referências de vários autores da série em que estou lecionado, utilizo materiais concretos além de sempre procurar utilizar situações vividas pelos próprios alunos no seu cotidiano, fato em que tenho observado que

tem auxiliado bastante na aprendizagem deles. (...) No curso que estou fazendo tive oportunidade de fundamentar minha prática pedagógica e encontrar na teoria a explicação para alguns porquês dos conteúdos matemáticos, e o enriquecimento de metodologias para trabalhar os conceitos matemáticos, em sala de aula, visto que, antigamente realizava meus planejamentos baseados apenas nos livros didáticos. (P2, 2008, p. 15)

Hoje, como professora de Matemática procuro conhecer as dificuldades que os meus alunos possuem e trabalhá-las de forma a facilitar o seu aprendizado, utilizando jogos, situações problematizadoras do cotidiano, entre outros. Procuro, com minha prática, interagir com o aluno, ensinar e aprender com ele e com suas experiências de vida. Como trabalho com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), busco utilizar situações próprias do trabalho que os mesmos desenvolvem no seu dia-a-dia, para a partir daí, mostrar que a Matemática se encontra presente neste trabalho, servindo de introdução para os conteúdos que serão abordados em sala de aula, (P8, 2008, p. 10)

Nóvoa (2000) argumenta a necessidade de o professor agir como um profissional crítico e reflexivo da sua prática docente, valorizando a experiência adquirida ao longo de sua formação e o autoconhecimento do que já sabe e o que precisa aprender. No campo do profissional docente, surgem novas demandas e alguns procedimentos tornam-se superados, isso faz com que o profissional tenha que estar num contínuo processo de formação e, portanto, aprender a aprender também é fundamental. Estas ideias estão compartilhadas nos relatos das professoras quando destacam a importância do conhecimento sobre os saberes da prática docente, o significado do planejamento na ação docente, a necessidade de registrar suas atuações, avaliá-las e apresentar ajustes quando necessário.

As professoras buscaram, na formação, formas competentes de articular teorias adquiridas no curso com o cotidiano da sala de aula e, dessa forma, romper com a visão tradicional do ensino da Matemática. Sabemos que o percurso de mudanças na prática cotidiana do professor de Matemática é longo e requer deste, motivação para levantar questionamentos sobre sua atuação em sala de aula; buscar a autoformação; desenvolver a prática de registrar o seu fazer pedagógico e refletir sobre ele; envolvimento dos atores da escola com mais comprometimento do seu papel, entre outros fatores.

Neste sentido, não tem vez uma prática pedagógica que enfatize o treino e a repetição pela repetição dos conteúdos transmitidos pelo professor, mas, aquela em que os alunos busquem o conhecimento, sem medo de errar, arriscando-se nesse processo de confrontar seus conhecimentos com os dos outros, encorajando-os à superação do medo, na aventura da aprendizagem. Visto dessa maneira, retomo as ideias de Freire (1996) que enfatiza a importância de uma educação integradora, na qual educadores e educandos se encontram em ambientes, em que a criação e recriação do conhecimento são comumente partilhadas.

Isto pode ocorrer se conseguirmos desenvolver uma prática em que educador e educando cresçam juntos, a partir de situações desafiadoras, na qual o ato de pesquisa seja constante na busca de soluções para as situações propostas. E essas ideias só vêm reforçar a necessidade da formação continuada do professor como forma de contribuir com a melhoria do ensino em todas as áreas do conhecimento.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Uma das formas de efetivação da reflexão dos fatores que contribuem com a formação de professores é a escrita do Memorial de Formação, tendo em vista que possibilita a reflexão de momentos vividos, com o olhar do presente.

Podemos inferir que a escrita do Memorial de Formação permite o reconhecimento de como aconteceu a formação, os conhecimentos adquiridos e lacunas deixadas ao longo de todo o percurso estudantil e profissional, bem como as aprendizagens adquiridas e mudanças na prática docente que foram incorporadas durante o processo de formação. Ressaltamos também, que o tempo da escola perpassa por todos os outros tempos que se cruzam traços dos aspectos culturais, sociais e afetivos que contribuíram para a construção de identidade pessoal e profissional de cada uma das professoras. Na realidade, as narrativas de vida contribuem para relacionar a vida atual com as lembranças do passado, de forma a interpretar, analisar e refletir criticamente a experiência profissional para aperfeiçoar a prática vivenciada hoje.

O trabalho com Histórias de Vida implica utilizar-se das lembranças que ficaram guardadas por anos a fio e se manifestam de diferentes formas e acrescidas de dados novos. Passos (2003, p. 103) acrescenta que os sujeitos “enquanto narradores de sua história em alguns momentos demonstram ter esta compreensão de memória.” E esclarece que, neste momento percebe-se que o vivido foi sendo transformado com o tempo e com outras experiências adquiridas.

As histórias vividas e experiências adquiridas na docência das professoras de Matemática que o texto se refere, apresentaram fatos que estavam escondidos em suas memórias e que, de certa forma, influenciaram nas práticas presentes no cotidiano escolar de cada uma das professoras. As experiências vividas, as diferentes estratégias utilizadas pelos professores para desenvolver um trabalho em realidades diferentes, são evidências de que a formação e a construção da identidade profissional são caminhos complexos que necessitam tecer múltiplos fios que deem sentido e significados à profissão docente.

**Referências Bibliográficas**

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CARRILHO, Maria de Fátima Pinheiro. **Tornar-se professor formador pela experiência formadora: vivências e escrita de si**. 2007. 280f. Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura). 165 p.

FIORENTINI, Dario. MIORIM, Maria Ângela (orgs.). **Por trás da porta, que matemática acontece?** 2. ed. Campinas, SP: Editora Gráfica FE/Unicamp – Cempem, 2003.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Tradução José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

MOTA, Aldenira. PACHECO, Dirceu Castilho (Orgs.). **Escolas em Imagens**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

NÓVOA, António. Uma visão interdisciplinar da educação, da formação docente e da escola, por António Nóvoa. **Educação em questão**, Natal, v. 10 e 11, n. ½, jan./jun. 2000, p. 139 - 146.

PASSOS, Mailsa Carla. Memória e história de professores: como praticar também é lembrar. In: VASCONCELOS, Geni A. Nader (Org.). **Como me fiz professora**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 99 – 111.